

Retirar das sombras da historiografia a atuação e a influência daqueles que, nos primeiros tempos da república brasileira, não se conformaram com ela em diferentes instâncias e graus, é a intenção que perpassa esta obra, cuja publicação pode demarcar o início dos estudos revisionistas esperados para o centenário da proclamação da república, que se cumpriu a 15 de novembro de 1989.

Para analisar e “explicar” como se organizaram, como se manifestaram, como foram reprimidos e como, afinal, se acomodaram harmoniosamente na república os saudosistas do império, a Autora segmenta sua argumentação em: 1- os exilados do poder; 2- os guerrilheiros da palavra; 3- os militantes da esperança.

O tradicional mito do “consenso nacional” e da “indiferença da população” relativamente à proclamação da república cai por terra quando esta pesquisa – que se serviu sobretudo de depoimentos pessoais deixados por republicanos e monarquistas, assim como de jornais da época – demonstra a consistência da reação dos grupos que não aceitavam o novo regime. Formados por gama social a mais variada, desejavam promover a queda da república recém-instaurada.

A abordagem das conjunturas políticas permite à Autora entender muitas das vias de direção dos monarquistas; entre elas, a sua posição, por exemplo, a favor do Visconde de Outro Preto, cujo gabinete teria precipitado o fim do Império.

Através de livros e jornais, os “subversivos da república” pretendiam desprestigiar, em seu nascedouro, o que chamavam de “ditadura militar”. Das palavras passaram a reações concretas e agressivas, atuando em diferentes pontos do território brasileiro, por meio de agremiações, arruaças, *meetings*, levantes.

Organizando-se em vários estados, já em tempos do governo civil de Prudente de Moraes, sedimentaram sua posição, fundando partidos e centros monarquistas. A ação destes últimos em São Paulo, com apoio de jornais ligados à causa (como *O Comércio de São Paulo*) atingiu níveis intoleráveis e, considerada “subversiva”, acabou por originar a repressão que culminou com invasão policial e fechamento da entidade. Era o “terrorismo republicano” gerando reações de igual intensidade.

A Autora discute largamente todas as ações judiciais, a opinião pública e os movimentos políticos em torno da questão. Paralelamente, na mesma época, o desastre que Canudos representava para o governo federal, era tido como conseqüente do apoio e reforços que os monarquistas prestavam a Antonio Conselheiro.

Agitação de idéias, argumentação, acusações e defesas apaixonadas manifestadas pela imprensa são minuciosamente rastreadas pela Prof^a Janotti. Em sua conclusão, justifica a forma de narrativa pela qual optou para “integrar a ação ao pensamento monarquista, bem como explicá-los mediante as diferentes situações conjunturais”, já que eram escassas as fontes a seu dispor.

Evidenciando a fragilidade doutrinária e a pouca expansão do movimento monarquista, a presente pesquisa evidencia, de forma cabal, que os primeiros tempos da república foram mais tumultuados e periclitantes do que o que nos faz ver a historiografia. E foram, surpreendentemente, mais marcados pelas bandeiras monárquicas do que se poderia supor.

Helofsa Liberalli Bellotto

REALE, Ebe. *Menotti Del Picchia*, Rio de Janeiro, AC&M, 1988

Este é mais um feliz empreendimento cultural, resultado de um projeto editorial auspiciosamente patrocinado pelo Moinho Santista S.A., gesto este que demonstra a sensibilidade havida por parte da Empresa e de seus Diretores para com as coisas da cultura e da memória de nosso país.

Trata-se de uma publicação de luxo e de bom gosto, cujo nível técnico e qualidades gráficas, sem dúvida, dignificam e condizem plenamente com o objetivo primeiro desta obra, ou seja, o de homenagear o escritor, jornalista e poeta paulista Menotti Del Picchia. Não bastasse o fato de haver chegado aos quase cem anos de vida – uma existência comprovadamente rica e dinâmica – a personalidade marcante de Menotti por si só justificaria a iniciativa desta magnífica realização editorial, a par de estudos acadêmicos anteriormente efetuados. De responsabilidade da Dra. Ebe Reale, este valioso livro-documento representa uma pesquisa elaborada e consciente que, sem ser exaustiva, naturalmente vem contribuir para enriquecer o referencial bibliográfico tão necessário sobre personalidades, fatos e períodos da vida intelectual brasileira.

A diversificação das atividades, de interesses e de sua formação, na verdade, parece ter raízes no próprio breço. Nascido em ambiente receptivo às letras e às artes, Menotti Del Picchia conviveu e aprendeu, desde cedo, a amar também a natureza – afinal, inspiradora de sua primeira e mais famosa obra poética *Juca Mulato* dando início, assim, a uma brilhante carreira literária. Também cedo, suas experiências jornalísticas deram-se nos bancos escolares renunciando uma ativa trajetória que de fato veio a evoluir de forma significativa nos meios do periodismo paulista; ali deixou sobretudo memoráveis crônicas e artigos num estilo extremamente pessoal e onde ficou documentada sua presença como poeta, escritor e jornalista. (ver: *O Gedeão do Modernismo: Menotti Del Picchia no Correio Paulistano, 1920-1922*. Yoshie S. Barreirinhas, 1983).

Tendo sido um dos articuladores da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, Menotti participou intensamente do movimento modernista, integrando também o chamado “grupo dos cinco” ao lado de Mário de Andrade, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade. Foi uma época de grande agitação sócio-cultural impulsionada, por assim dizer, pelo espírito renovador que norteava o movimento vanguardista, cujas atividades eram promovidas e difundidas através de reuniões, concertos, recitais e saraus, exposições e viagens, além das colaborações publicadas em periódicos – alguns de sua própria lavra; assim, autores e obras iam se firmando, também através de edições ao longo dos anos vinte principalmente.